

Reflexões sobre a leitura de histórias em quadrinhos da Marvel e da DC Comics e as estratégias de resiliência: relevância e desdobramentos

Rubem Borges Teixeira Ramos¹

Resumo: O presente artigo apresenta os conceitos de resiliência e coping, presentes no campo da psicologia positiva, em consonância com conteúdos relatados por leitores de histórias em quadrinhos de super-heróis da cidade de Belo Horizonte – MG. O objetivo do estudo é o de analisar experiências do leitor quanto a leitura de histórias em quadrinhos de super-heróis, tendo por base os preceitos e as estratégias da resiliência e do coping. A correlação se torna possível através dos exemplos citados pelos leitores, os quais apontam pelo menos um conhecimento obtido através dessa leitura e posterior aplicação do mesmo em suas vidas, o qual lhes permite, quando associado a pelo menos uma das subescalas de coping, um meio para superar uma dificuldade ou evento estressante de sua vida, até onde isso for possível.

Palavras-Chave: Histórias em Quadrinhos; Leitores; Resiliência; Coping.

Considerations on Marvel and DC superhero comic reading and coping approaches: significance and ramifications

Abstract: This paper introduces the concepts of resilience and coping, from the positive psychology field, together with the opinions stated by super hero comic book readers from Belo Horizonte – MG. The purpose of the study is to analyze reader's experiences regarding superhero comic book reading, having as a principle resilience and coping strategies. The relation between this reading and the coping processes is possible through the examples mentioned by the readers, which present at least one knowledge obtained from the reading of comic books and subsequently applied by the readers in their lives as well. This knowledge, when linked to at least one of the coping scales, allows the readers a way to overcome a problem or stressful event in their lives, until the point in which it's possible.

Keywords: Comic Books; Readers; Resilience; Coping.

Introdução

O ato de ler é algo pertinente a grande parte da sociedade humana, haja visto que através da leitura, o homem pode alcançar uma maior e melhor interpretação acerca dos fatos, contextos e conteúdos presentes não somente em seu dia a dia, mas ao longo de toda a sua existência.

Compreender-se a leitura, seu ato e suas implicações é algo assaz laborioso. Inúmeras teorias de várias áreas do conhecimento a concebem como uma ação, ao contrário de um ato permeado por passividade, caracterizada pelo dinamismo e abertura a olhares diversificados, frequentemente delimitados sob a forma de recortes específicos da realidade – um objeto, um tipo em particular de texto ou de literatura, ou mesmo um grupo de leitores, por exemplo – onde se procura analisar e compreender a ação da leitura.

¹ Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: rubem_ramos@hotmail.com

Cada área do conhecimento que se dedica ao estudo da leitura procura enfatizá-lo sob um olhar próprio, ao se estabelecer conceitos que visem a se entender a leitura e sua influência e importância, quando de fato se estabelece essa ação. Mas, ao contrário do que se pode pensar, esse estudo não se caracteriza como relevante somente para delimitar a atuação de uma visão ou mesmo área do conhecimento a respeito da leitura. Apesar de este ser um interessante viés, pode se propor outro, que seria o de se estudar e compreender as interseções e contribuições que as visões somadas de alguns dos campos do conhecimento podem agregar de valor e retorno para a compreensão da leitura, de modo a se potencializar as contribuições para se entender a leitura, sua influência e possíveis benefícios advindos da mesma ao seu leitor.

No presente artigo, pretende-se dar vazão a esse segundo viés apresentado. Para tanto, abordar-se-á a leitura sob dois enfoques. O primeiro é o da Ciência da Informação, onde a leitura é um ato capaz de agregar e fornecer valor e conhecimentos ao seu leitor, através da relação estabelecida entre o sujeito que lê, e, portanto, produtor e receptor de informações e de sentidos. O outro enfoque utilizado vem da Psicologia Positiva, na figura dos estudos e da compreensão do lazer. Um dos conceitos abordados nessa área é o da resiliência, conceito multifacetado e de definição imprecisa que se pauta, segundo o Projeto Internacional de Resiliência, na figura de sua coordenadora Edith Grotberg (1995), citado por Yunes (2003), como a “capacidade universal que permite que uma pessoa, grupo ou comunidade previna, minimize ou supere os efeitos nocivos das adversidades” (p. 7).

O estudo da leitura, sob o enfoque da Ciência da Informação

Os estudos e pesquisas mais difundidas que abordam o tema leitura são justamente aqueles que envolvem os processos cognitivos, aliados a algum outro campo do conhecimento, como a teoria da comunicação, a psicolinguística e também a teoria da informação. De fato, hoje se percebe que a leitura é um processo mais rico do que a decodificação de caracteres, pois uma importante atribuição da mesma é a de incorporar e interpretar as relações existentes entre o que está escrito em formato de texto e a realidade, o que se estende para além do simples caráter utilitário.

Segundo Bari (2008, p.113), a leitura na cultura ocidental estabeleceu vínculos com experiências de vida motivadas pelo prazer, sendo que nessas, o autor ou escritor obteve relativa licença para escrever e ilustrar – ou utilizar a ambos, de forma associativa – de modo a atribuir significados afetivos e pessoais ao público leitor. Como desdobramento da leitura empreendida pela população ocidental, tem-se o surgimento de diversos gêneros literários, de linguagens midiáticas e também a diversificação de suportes onde se pode empreender a leitura.

O ato de ler exerce grande influência sobre a postura de um indivíduo, de um grupo ou de uma nação. Roger Chartier (2003) defende que o leitor se forma através de vários processos de atribuição própria de significado e de sentido, quando em contato com objetos pertencentes à cultura. A esses processos, o próprio Chartier denomina como apropriação, que em muito traduzem o ato individual do leitor de refletir e atribuir significado a uma obra escrita, mesmo ela sendo fruto de um processo de produção em massa, como as histórias em quadrinhos.

Segundo Bourdieu (1979)², citado por Dumont (2000), a preferência e a escolha por determinados bens culturais ocorrem em vários aspectos da vida, como em predileções por leituras, pinturas, músicas e literaturas específicas, entre outros. E tanto a preferência quanto à escolha estão ligadas ao nível educacional do sujeito, e não ao seu berço social. Alguns determinismos ressaltam uma delimitação entre o gosto pessoal e o lugar social das pessoas, o que contribui para reforçar estereótipos ultrapassados, mas ainda

² BOURDIEU, Pierre. **La distinction**: critique social de jugement. Paris: Lês Éditions de Minuit, 1979.

vigentes, como o “gosto puro” (Dumont, 2000), que tem por base privilegiar o que não é fácil. A recusa do fácil, como simples e sem profundidade se fundamenta no princípio de que, se um objeto – música, literatura, arte, etc. – é de fácil acesso e compreensão, torna-se popular, o que levaria a uma recusa pelas camadas elitistas da sociedade, ao afirmar que se constituem como prazeres infantis ou primitivos, em oposição à “arte legítima”.

Sendo a leitura uma premissa básica do ser humano, ela adquiriu caráter relevante para pesquisas em várias áreas do conhecimento. Dentre essas, a Ciência da Informação dedica-se a seu estudo, segundo Dumont (2002, p.2), como a “[...] via pela qual se atinge o conhecimento desejado”. A premissa básica aqui defendida não é a de se valorizar um típico específico de leitura, ao atribuir a esse um valor diferenciado dos demais. Pelo contrário, procura-se demonstrar e justificar a necessidade do ato da leitura como forma de obtenção de informação, para que se possa confrontar o lido, através de ponderações e reflexões, com conhecimentos prévios do leitor. A maior contribuição da Ciência da Informação é a de corroborar o papel da leitura como instrumento capaz de conduzir o leitor a uma interpretação da sociedade e do mundo, através do ambiente nela retratado, que tende a apresentar semelhanças com o próprio ambiente dos leitores.

No enfoque quanto a leitura e seu estudo, Iser (1999) pontua a influência que uma obra exerce frente a seu público leitor, estabelecendo que o ato de ler se caracteriza como algo que permite ao leitor (receptor) reelaborar a leitura realizada através de reflexões, pensamentos e inferências com a realidade. Não obstante, conclui-se que o texto não retém uma exclusividade de sentido em si mesmo, e que um leitor se conscientize sobre o quão significativa essa mesma leitura se faz. Ao se assumir que, na Ciência da Informação, a premissa dos estudos prima pela leitura como instrumento que agrega valor ao seu leitor, a recepção do texto justifica então o ato de ler, pois ler agrega valor ao leitor, de modo que esse indivíduo vá além do texto propriamente escrito, ao comparar e confrontar a leitura realizada com elementos e acontecimentos de sua própria realidade, seus exemplos, seu cotidiano, enfim, sua vida. Durante o ato da leitura, o ser humano é conduzido a atribuir significados em sentido amplo ao mundo e em sentido específico ao texto lido. Pode-se dizer que a leitura não se caracteriza por ser um processo linear, na medida em que é possível realizar diferentes leituras e questionamentos sobre um mesmo texto.

Várias são as razões que levam um leitor, a escolher um tipo (ou tipos) em particular de leitura, com destaque, de acordo com Dumont (2007, p.2), “... a **motivação**, o **contexto e historicidade do leitor** e o **sentido** dado a cada palavra pelo autor e, posteriormente, pela leitura do leitor”. Uma análise desses fatores revela que, a despeito do conteúdo do texto ser invariável, existe sim uma variabilidade de interpretação da leitura de acordo com o leitor, seus interesses, conhecimentos e objetivos para com a leitura, fato que faz com que a compreensão não seja encarada como uma atividade de precisão, e sim como resultado da relação entre leitor e texto. Na tentativa de se estabelecer uma compreensão de um texto, o leitor precisa ir além do que está explicitamente redigido a sua frente. É necessário que o leitor faça uma série de inferências, tanto a partir das relações entre os elementos contidos no texto, como através das relações entre esses e seu prévio conhecimento.

O estudo da Resiliência, sob o enfoque da Psicologia Positiva

O termo resiliência tem sua origem, de acordo com Yunes (2006), nos campos da Física e da Engenharia, no início do século XIX. Suas primeiras aplicações foram obtidas em estudos focados às capacidades de tensão e compressão de materiais, no intuito de se obter a relação existente entre uma determinada força aplicada a um material físico e a conseqüente deformação que este mesmo material apresentava.

No entanto, quando se abordam situações ou contextos diferentes das ciências exatas, a resiliência prova-se um desafio a ser explorado. Isso porque, fora de um ambiente controlado, ou com uma multiplicidade de fatores aos quais um corpo consciente e ativo – como o ser humano, por exemplo – é contemplado, torna-se complexo mensurar ou mesmo obter de forma exata o grau ou coeficiente de resiliência do mesmo.

Yunes (2006) aponta que os primeiros estudos provenientes dessa área optavam por empregar termos como “invencibilidade” ou “invulnerabilidade”, na tentativa de descrever a capacidade que as pessoas apresentavam e/ou possuíam de transpassar momentos adversos, um trauma ou estresse psicológico, notadamente ao apresentar emoções sadias e grande competência pessoal. Porém tais termos podem propagar uma falsa noção de intangibilidade, como se os indivíduos se apresentassem como invulneráveis, independente das circunstâncias por eles enfrentadas. E, como parece ser de senso comum, nenhum ser humano é completamente invulnerável a dores ou males, quer estes sejam de origem física ou psicológica.

O conceito de resiliência é tema de várias pesquisas na área da psicologia, como a de Melillo (2014, p. 63), onde o termo “se define como a capacidade dos seres humanos de superar os efeitos de uma adversidade a que estão submetidos e, inclusive, de saírem fortalecidos da situação”. Através do mesmo, é possível se cogitar que, mesmo diante de intensas mudanças presentes na contemporaneidade, cada indivíduo é capaz de assimilar as transformações a que é submetido. Mais especificamente, a resiliência refere-se ao desenvolvimento de uma força interna, através de pensamentos, palavras e ações, que facilitam a vivência de tais transformações, por via da superação de adversidades. Ela contribui para que as pessoas demonstrem resistência sem perder sua dignidade ou sua capacidade de serem indivíduos saudáveis (BARLACH, 2015).

Inclusive com o desenvolvimento desses estudos, é que se compreende que o termo a ser melhor empregado é mesmo o de resiliência, ao contrário dos antigos termos invencibilidade e invulnerabilidade. O atual termo condiz com a constatação de que a resistência a mazelas e dores provenientes do estresse e do sofrimento não é algo associado a invulnerabilidade. Assis et al. (2016) compreendem a resiliência – por vezes também conhecida por resistência ao estresse – como uma condição permeada pela relatividade, por premissas fatores ambientais e de constituição própria dos indivíduos. E, o fator mais associado a resiliência é a ausência de um grau ou de uma quantidade padrão para todos os seres humanos. Ou seja, trata-se de uma característica, quando vista do ponto de vista do ser humano, com alto índice de variabilidade, de acordo com as circunstâncias vislumbradas.

Porém, o que se nota presente e recorrente é a ausência de estudos com o objetivo de se identificar a resiliência a partir de características de similaridade. Por exemplo, similaridade entre o leitor de um determinado gênero e os personagens, os enredos, os eventos e outros fatores contidos nas páginas as quais o leitor se debruça. Portanto, o objetivo que se configura aqui é não somente de empregar um meio de leitura – especificamente as histórias em quadrinhos do gênero de super-heróis – mas de propor uma aplicação do conceito de resiliência sob a perspectiva da experiência dos leitores, onde os dados qualitativos obtidos junto aos mesmos se encontram marcados por relatos e narrativas construídas e reconstruídas graças a interpretação dos conhecimentos veiculados pelas páginas das histórias em quadrinhos, aplicados em momento posterior nas próprias vidas desses indivíduos.

Coping

Como se vislumbrar a capacidade de enfrentamento das pessoas frente as adversidades e revezes da vida? Werner (1993) recorreu ao conceito de *coping*³ - que pode ser traduzido como *enfrentamento* – o

³ O termo coping, que não possui tradução literal para o português, e portanto, é utilizado de forma recorrente na psicologia em

qual apresentava um sentimento de confiança de que as adversidades podiam ser superadas. Tal comportamento evidenciou uma das premissas da resiliência, quanto da ênfase para os componentes psicológicos do indivíduo, capazes de lhe motivar a persistir frente as adversidades. Cabe ressaltar que os aspectos protetores, como relações familiares positivas e a presença de fontes de apoio social no ambiente mais próximo desses indivíduos, como a vizinhança, a escola e a comunidade, também marcaram presença nos estudos de Werner.

Ao se assumir que os indivíduos estabelecem formas de agir perante os acontecimentos, inclusive aqueles de cunho negativo, Folkman & Lazarus (1988) desenvolveram um método que permitiu identificar pensamentos e ações as quais os indivíduos recorrem de forma a lidar com acontecimentos estressantes. Este método consiste na aplicação de um questionário, denominado Ways of Coping Questionnaire, que recorre a definição de coping dos próprios autores: “[...] esforços cognitivos e comportamentais para responder exigências internas ou externas, avaliadas como excedentes ou que se encontram nos limites de recursos do indivíduo” (FOLKMAN & LAZARUS, 1988, p. 2). Coping assim se aplica aquilo que pessoas acreditam ser possível ou aquilo que de fato é realizado por elas quando de situações particularmente estressantes.

Coping, como se faz presente aqui, não é um traço de personalidade aplicável a situações cotidianas da vida. Mas sim uma série de processos permeados pela avaliação dinâmica e pelas mudanças apresentadas por indivíduos no meio em que se encontram. Considerar o coping como um processo é apenas uma visão, a qual implica a existência de pelo menos um fator estressante na vida do indivíduo o qual se deseja obter dados e informações, e também a recorrência a ações que demandem algum esforço desse mesmo indivíduo, as quais podem seguir desde a redução do estresse advindo do fator estressante até mesmo a possível resolução do problema em voga.

Os estudos iniciais do Ways of Coping Questionnaire datam da década de 1970. Embora bem aplicados, os mesmos apresentavam falhas, as quais foram submetidas a revisão e análise ao longo de quatro décadas. Como principal resultado dessas revisões, os estudiosos compreenderam e adotaram escalas recorrentes de coping, as quais se encontram em acordo com a teoria de Folkman & Lazarus. Ao todo, tratam-se de oito (08) diferentes subescalas, que representam oito (08) diferentes formas de se empregar o coping quando de acontecimentos estressantes, conforme o quadro abaixo explicita:

Tabela 1: Subescalas de coping e suas respectivas descrições

Subescalas de Coping	Descrição
Confrontativo	Descreve os esforços agressivos de alteração da situação e sugere um certo grau de hostilidade e risco.
Distanciamento	Descreve os esforços cognitivos de desprendimento e minimização da situação.
Autocontrole	Descreve os esforços de regulação dos próprios sentimentos e ações.
Procura de Suporte Social	Descreve os esforços de procura de suporte informativo, suporte tangível e suporte emocional
Aceitar a responsabilidade	Reconhecimento do próprio papel no problema e concomitante tentativa de recompor as coisas

seu original, refere-se aos esforços cognitivos e comportamentais empregados por indivíduos no intuito de lidar com situações e contextos adversos – ou mesmo com características em particular que norteiem essas mesmas situações / contextos – os quais excedam ou sobrecarreguem a capacidade pessoal, em pelo menos um determinado momento do tempo.

Fuga / Evitamento	Descreve os esforços cognitivos e comportamentais desejados para escapar ou evitar o problema. Os itens desta escala contrastam com os da escala de “distanciamento” que sugerem desprendimento.
Resolução Planeada de Problemas	Descreve os esforços focados sobre o problema, deliberados para alterar a situação, associados a uma abordagem analítica de solução do problema
Reavaliação Positiva	Descreve os esforços de criação de significados positivos, focando o crescimento pessoal. Tem também uma dimensão religiosa.

Fonte: Folkman & Lázarus, (1988).

A leitura de histórias em quadrinhos de super-heróis, combinada aos enfoques da resiliência e de coping

Para Iser (1999), o indivíduo exibe a necessidade de ficcionalizar sua existência. Uma das formas de se ocorrer tal ficcionalização se dá no processo de interação entre texto escrito e seu leitor, pois ambos acabam por se envolver em um processo contínuo de criação e recriação das histórias, quando do ato da leitura. Acredita-se que os leitores tenham consciência de que o teor representado no texto se trata de uma ilusão, portanto ficcional. Porém, tal fato não os desestimula a vivenciar as experiências contidas nesse domínio ficcional, já que tal experiência, por ventura “[...] revele algo sobre nós”. (p.65-66). A hipótese a ser verificada é a de demonstrar, através do leitor dos quadrinhos, que essa leitura, ao revelar algum traço ou característica pessoal, pode contribuir para uma subsequente instrução e formação de leitores competentes, capazes de agregar valor à sociedade em que vivem, não somente na infância, mas também durante a vida adulta.

A título de exemplo, Carvalho (2006) aponta que Will Eisner, um dos precursores das histórias em quadrinhos, foi contratado pelo governo dos EUA, durante a Segunda Guerra Mundial e as guerras da Coreia e do Vietnã, para desenvolver uma série de quadrinhos, com fundo educacional, com vistas à instrução de soldados americanos na utilização dos diversos equipamentos militares, bem como em técnicas de higiene e outros setores e atividades relevantes. Seu trabalho foi de tamanha importância para aqueles que o leram, que Eisner sentiu naquele momento que os quadrinhos poderiam ter algo mais a oferecer do que entretenimento. Isso o obrigou a tomar a decisão de abandonar os desenhos do personagem *Spirit*, de sua própria autoria, e dedicar todo o seu tempo e recursos para um instituto voltado ao estudo e a produção de quadrinhos de cunho educativo e institucional.

No que se refere à leitura de histórias em quadrinhos, essa também poderá ser encarada como uma forma de leitura diferenciada das tradicionais, mas igualmente capaz de provocar em seus leitores reflexões e comparações, já que o enredo e os personagens presentes nas páginas dos quadrinhos permitem também a correlação entre os fatos narrados ali e os fatos que ocorrem no universo e no cotidiano dos leitores, de forma a permitir a esses indivíduos, de forma lúdica e diferenciada, acrescentar informações e o conhecimento, fator tão imprescindível à manutenção da espécie humana no mundo contemporâneo.

A leitura não precisa e nem deve ser encarada como uma atividade decorrente de punição ou mesmo imposta para ser exercida. Pelo contrário, o ato de ler fornece condições aos leitores de estabelecerem características de contextualização e convivência social, o que pode aumentar a capacidade dos leitores em se manifestar e participar ativamente da cultura e da sociedade em que estão inseridos. No que tange as histórias em quadrinhos, ao empreender uma leitura das mesmas, o leitor se engaja em uma série de

processos linguísticos de significação, seja de contexto, localidade, personagens ou mesmo de vida. Bari reforça essa teoria, ao afirmar que:

[...] pelo trânsito natural de informações essenciais para a convivência social nas histórias em quadrinhos, seja com intencionalidade educativa ou voltadas para mero entretenimento, esta linguagem atrativa e amigável realmente tem o poder especial de formar suas próprias comunidades de leitores e aprimorar-lhes as habilidades e competências inerentes à leitura. Assim, se a significação do ato de ler está contida nas vivências cotidianas, a leitura de histórias em quadrinhos eleva os níveis de significação e convivência social inseridos nas leituras, ampliando os conceitos fundamentais de seu ato manifesto (2008, p. 118).

Pode-se notar uma determinada efusão de noções e enfoques acerca do significado e da abrangência dos termos resiliência e coping, o que se justifica no caráter recente dos estudos e pesquisas comprometidos com a compreensão dos mesmos. Ao se vislumbrar a resiliência como o estudo daqueles que demonstram capacidade de superar adversidades, e o coping como o estudo das estratégias empregadas pelos indivíduos frente a essas adversidades, é notória a proximidade de ambos os conceitos, sob o enfoque da superação de crises e de adversidades que afetam as vidas dos indivíduos.

Ao se observar o foco tradicional de estudos dentro da área da psicologia, tem-se a correlação entre fatores de risco e males nas vidas dos indivíduos. Entretanto, o foco se dá por uma visão um tanto quanto simplista dos indivíduos como vítimas de um sistema social injusto, ressaltando o preconceito, as deficiências e os prejuízos aos quais os mesmos indivíduos são acometidos, praticamente ignorando as possíveis estratégias e formas por eles demonstradas de encarar e até mesmo superar as adversidades com que se deparam.

Essa visão em muito se assemelha aos rótulos e estereótipos com que ainda hoje o leitor de histórias em quadrinhos, sobretudo aquele que já se encontra na idade adulta é alvo de, sendo que esse material ou leitura seria pífia e incapaz de levá-lo a contemplar dimensões sadias e reconfortantes, as quais podem prover os mecanismos para o enfrentamento e a superação das adversidades e das situações de risco.

Metodologia

Ao se considerar o processo de leitura dos quadrinhos e suas possíveis interpretações e/ou significações para o leitor como os focos de abordagem no presente artigo, optou-se por uma pesquisa qualitativa, via entrevista com perguntas semiabertas. A adoção da pesquisa qualitativa se justifica na perspectiva de Dezin e Lincoln, que a definem como “[...] a interpretação dos fenômenos e fatos vivenciados em termos do significado que as pessoas agregam.” (1994, p. 54). Pesquisas qualitativas buscam abordar a realidade como um fenômeno cultural, histórico e dinâmico, vivido e descrito por um pesquisador a partir do seu ato de observar um universo ou prática. A abordagem qualitativa da pesquisa se encaixa na observação e extração de dados, pois, segundo Minayo (1994, p.22), a mesma abordagem “[...] aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas”. A autora ressalta o papel da sociologia compreensiva para justificar o emprego da pesquisa qualitativa, na defesa de que

“[...] tal corrente não se preocupa em quantificar, mas, sim, em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalham com a vivência, com a experiência, com a cotidianidade e também com a compreensão das estruturas e instituições, como resultado da ação humana objetivada”. (1994, p. 24).

Como se pretende abordar e empregar os conceitos de resiliência e de coping junto a experiência de leitura das narrativas contidas nas histórias em quadrinhos de super-heróis, visando demonstrar a capacidade de interpretação dos conhecimentos veiculados pelas páginas desses quadrinhos, por parte dos leitores, é importante explicitar os critérios envolvidos na escolha dos participantes, pois os mesmos deixam de ser vistos como simples sujeitos e passam a fazer parte de amostras representativas do universo abordado pelo pesquisador.

A amostragem não probabilística, de acordo com Mattar (2006), é aquela em que a “seleção dos elementos da população para compor a amostra depende, ao menos em parte, do julgamento do pesquisador”. Isso se explica na intenção de coibir ou eliminar as possibilidades de que um ou mais elementos aleatórios e não pertinentes da população geral venham a fazer parte da amostragem designada.

A amostragem por escolha se mostrou a mais pertinente a ser empregada junto a população de leitores de histórias em quadrinhos das editoras Marvel e DC Comics, uma vez que a mesma prega o direcionamento da amostragem intencional ou por julgamento, baseando-se nos conhecimentos acerca da população que se pretende estudar, assim como nos seus elementos e nas metas estabelecidas de pesquisa.

A seleção dos leitores para a pesquisa foi realizada independentemente do sexo, e a partir dos 18 anos de idade. Tais fatores almejam apresentar uma realidade contrária a crença generalizada ainda existente nos dias de hoje, que prega a disseminação dos quadrinhos de super-heróis da Marvel e da DC Comics como algo exclusivo do público infanto-juvenil masculino, em fase anterior aos dezoito (18) anos de idade e, portanto, não ingressando na vida desses leitores quando os mesmos alcançam a fase adulta de suas vidas. Não somente a existência de leitores de ambos os gêneros junto ao universo dos quadrinhos de super-heróis é ignorada nesta crença, como também se releva a possibilidade do leitor poder ser instigado a se enxergar retratado em um ou mais aspectos pertinentes a esses quadrinhos, quer sejam personagem, fala, postura trama, dentre outros, sem com isso deixar de ser a si mesmo.

Essa pesquisa foi desenvolvida com os leitores de histórias em quadrinhos de super-heróis da Marvel e da DC Comics, na cidade de Belo Horizonte - MG, entre os anos de 2007 e 2008. O ambiente de leitura das mesmas e seus leitores devem ser analisados, pois se constituem como fonte direta para a coleta de dados, a partir do seu potencial para comprovar as premissas aqui sustentadas. Desse modo, a pesquisa foi conduzida em ambientes voltados para a promoção e estímulo da leitura dos quadrinhos nesse município, a saber a Gibiteca Municipal, o Sebo Casa da Revista, uma Banca de Jornal e a Gibiteria Leitura Savassi, e contou com a aprovação do comitê de ética da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A partir da definição e da escolha dos quatro locais, a amostragem para a entrevista foi obtida levando-se em consideração tanto a necessidade fundamental da mesma condizer com um universo representativo dos leitores quanto do critério de saturação, o qual marcou o término do período de entrevistas junto a cada um dos três agrupamentos, quando evidenciado que pouco ou nada mais foi acrescentado aos objetivos da tese. Diante desse cenário, foram selecionados um total de 20 (vinte) leitores, sendo cada uma das localidades representada por 5 (cinco) leitores. O quantitativo obtido e retratado aqui condiz com os critérios do tipo mais comum de amostragem não probabilística — o de saturação.

Outro importante ponto a se ressaltar é o de que, para fins de comprovação dos propósitos deste artigo, serão veiculados apenas os depoimentos dos leitores de histórias em quadrinhos de super-heróis que demonstrem a possibilidade dos empregos da resiliência e do coping, em pelo menos uma de suas subescalas apresentadas anteriormente.

Resultados Obtidos

Muitos leitores apresentaram certa dificuldade em lembrar fatos específicos das narrativas. Mas todos consideraram que os quadrinhos exerceram uma influência em suas vidas, ou pelo menos em um aspecto específico das mesmas. No intuito de facilitar o retrato do conhecimento que obtinham com essa leitura, foi pedido aos leitores que expusessem o que extraíam e empregavam dessa leitura, através de um personagem, evento, ensinamento ou passagem junto as páginas dos quadrinhos lidos. As respostas obtidas exemplificam não somente situações típicas do universo dos super-heróis, mas a opinião pessoal dos entrevistados, com o devido recorte empreendido aqui para contemplar os depoimentos que apresentaram algum traço / característica de resiliência e, mais especificamente, do processo de coping:



Capitão América

'Eu era um policial, e tive que cuidar de várias ocorrências de assalto. Em um deles, uma vez, eu prendi um dos assaltantes e o conduzi a delegacia em uma viatura. Me lembrei na hora de uma história em que o Capitão América, disfarçado de policial, apartou uma briga entre duas gangues de rua sem recorrer a violência. Só com as palavras, o Capitão conseguiu dissuadir os jovens a não entrarem em conflito. Eu usei o mesmo discurso e ensinamento do Capitão América, tentando convencer o assaltante do quão errado ele estava.'

ESTRATÉGIA DE COPING UTILIZADA: Coping Confrontativo. A situação envolvia certo grau de hostilidade e de risco, pois tratava-se de um crime cometido e de uma prisão efetuada. O leitor aqui se valeu de uma passagem dos quadrinhos no intuito de alterar de alguma forma a situação, ainda que fosse de modo a tentar conscientizar o assaltante sobre seu ato.



X-Men

'Muitas vezes, ao longo de vários períodos da minha vida, fui alvo de comentários e brincadeiras racistas, por ser negra. Isso me fazia ficar com muita raiva, indignação e tristeza, independente de quem fosse que fizesse esses comentários e brincadeiras. Algumas vezes a vontade que a gente tem é a de jogar tudo pro alto e dar o troco da pior maneira que der. Mas eu comecei a ler X-Men, por influência de amigos, e aos poucos fui aprendendo que preconceito existe sim, mas que não se deve maltratar ou desrespeitar outras pessoas pelas suas diferenças. Deve-se sim respeitar as diferenças, como é apontado pelo Prof. Xavier, para uma existência harmoniosa entre todos.'

ESTRATÉGIA DE COPING UTILIZADA: Autocontrole. O conhecimento advindo da leitura dos quadrinhos de X-Men permitiu a leitora tomar conhecimento de que o preconceito racial, no caso, não apenas existe mas se manifesta de formas variadas. Entretanto, o maior benefício para esta leitora foi o de se conscientizar, pela leitura, de que o respeito aquilo e a quem for diferente deve ser algo pregado e compartilhado, pois assim se alcançaria uma existência mais saudável e civilizada entre todos.



Super-Homem

‘Na HQ Super-Homem nº 20, um bombeiro de Metrópolis sofreu um grave acidente e ficou em uma cadeira de rodas. Os médicos atestaram que sua condição não mudaria. Mas ele começou a fazer fisioterapia e afirmou – Eu não vou desistir porque ele não desistiria – fazendo comparação ao Super-Homem, que passava voando pela janela na frente da clínica onde estava. O Super-Homem foi a inspiração para a busca pela melhora do bombeiro. Eu, que tive que fazer fisioterapia por causa de uma operação, não gostava daquilo de jeito nenhum. Mas sempre que doía ou eu queria largar tudo, me lembrava dessa história do Super-Homem e não desistia, como o bombeiro fez, e me lembrando também que aquilo servia para eu melhorar, e voltar a ter uma vida normal, sem ter que ficar com dor.’;

ESTRATÉGIA DE COPING UTILIZADA: Aceitar a Responsabilidade (o leitor reconhece a postura que precisa manter, de continuar um tratamento, mesmo penoso, para melhorar e voltar a sua condição original) e Resolução Planeada do Problema (o leitor tem consciência de que, através do tratamento fisioterápico, tem melhores condições de se reestabelecer, inclusive fazendo comparação ao personagem Bombeiro da história, recorrendo a uma leitura analítica sobre seu próprio comportamento, em busca de uma solução para seu problema.



Asa Noturna e Robin

‘Quando o Asa Noturna, que foi o primeiro Robin, ajudou Tim Drake, o terceiro Robin em seu treinamento, o Asa o ensinou a observar as pessoas, suas posturas e suas ações. Como eu trabalho em uma ótica, que vende também relógios e semi-jóias, volta e meia me pego a usar alguns desses ensinamentos, pois várias pessoas desconhecidas entram na loja, e a gente nunca sabe exatamente se estão lá para comprar ou tem segundas intenções.’;



ESTRATÉGIA DE COPING UTILIZADA: Resolução Planeada do Problema. O leitor aqui exhibe consciência do número de pessoas estranhas com que tem que lidar profissionalmente e em uma base diária, foca suas energias em usar ensinamentos contidos no treinamento descrito acima para prevenção de adversidades, provavelmente pelo estabelecimento poder ser vítima de crimes. Usa da observação junto as pessoas e as suas posturas como forma de prevenção, abordando e antecipando analiticamente um possível problema.



Wolverine

‘Mais ou menos 03 anos atrás, me descobri vítima do Mal de Crom, que é uma doença incurável. Ao ler X-Men 54, uma frase do Wolverine me chamou a atenção. Ele dizia: Mudança é crescimento, crescimento é vida. Decidi encarar a minha doença como uma mudança, não mais querendo abandonar tudo e me achando coitadinho mas, por mais difícil que seja, continuar crescendo, lidando com aquilo que me incomoda e me deixa nervoso e tenso, enfim, continuar a viver’;

ESTRATÉGIA DE COPING UTILIZADA: Autocontrole (o leitor lida com os conflituosos sentimentos que ele próprio exhibe diante da doença que o acomete, e de forma adulta e perspicaz, contribuindo assim para minimizar até onde é possível os efeitos estressantes de uma doença) e Reavaliação Positiva (procura se esforçar em busca de formas positivas de lidar com sua mudança, o que acaba por promover seu crescimento pessoal).

Conclusão

Segundo Poletto & Koller (2008, p. 412), existem duas formas de se contemplar o apoio que as pessoas necessitam para transpassar suas adversidades. No caso do apoio emocional, existe a figura de pelo menos uma pessoa com a qual seja possível conversar, se apresentar e se discutir os problemas e até mesmo depositar confiança quanto a sentimentos e frustrações sofridas. O apoio instrumental, por sua vez, aplica-se ao auxílio a tarefas importantes a serem desempenhadas, como atividades escolares e profissionais, transporte e auxílio financeiro. Já o apoio por informação é aquele em que se contempla a existência de avisos, orientações, instruções, aconselhamentos e informações sobre recursos disponíveis ao alcance dos interessados.

De acordo com Taboada *et al.* (2006), coping se refere ao modo ou estratégia utilizada para se lidar com uma ou mais situações adversas, e que resiliência se aplica junto a análise do resultado obtido ou proporcionado pela estratégia adotada no processo de coping. Quando empregados simultaneamente frente a situações de estresse, se potencializam em prol da melhor adaptação possível daqueles que necessitam superar traumas e contextos adversos.

Assim sendo, de acordo com o objetivo do estudo aqui contemplado, acredita-se que as histórias em quadrinhos fornecem, dentro de uma perspectiva de leitura e posterior aplicação de conceitos, ensinamentos e posturas contidas em suas páginas, apoio – emocional, instrumental e por meio de informações – aos seus leitores, conforme exemplificam, dentro das devidas interpretações e aplicações, os depoimentos aqui apresentados, obtidos através de entrevistas presenciais com vários leitores de quadrinhos de super-heróis em diferentes localidades da mesma cidade.

Muito ainda pode e deve ser considerado e analisado sobre os quadrinhos e as possíveis relações e/ou estratégias de coping e de resiliência que os mesmos podem gerar ou levar seus leitores a alcançar. Inclusive tal análise não precisa exclusivamente se prender ao gênero dos super-heróis, e que ela pode ser aplicada a outros gêneros também explorados pela nona arte. Neste artigo, contempla-se uma apresentação e proposta inicial de reflexão sobre a relação tecida entre leitura de quadrinhos de super-heróis, as estratégias de coping e a interpretação dos resultados de resiliência frente a momentos adversos apresentadas por alguns de seus respectivos leitores.

Embora se constitua em um primeiro esforço quanto aos estudos sobre resiliência e coping para o campo da Psicologia Positiva e do entendimento da introjeção de conhecimento por parte do leitor na Ciência da Informação, faz-se interessante que estudos e reflexões de natureza associativa entre ambas as áreas do conhecimento continuem a ser conduzidos, entre um público variado de leitores, inclusive de diferentes gêneros, gama de personagens e contextos abordados nas páginas das histórias em quadrinhos, as quais demonstrem potenciais aplicações dentre as diversas estratégias de coping que evoquem possíveis influências em suas vidas, ao apontar os diversos graus de resiliência possíveis de se alcançar.

REFERÊNCIAS

- ASSIS *et al.* **Resiliência**: enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2016.
- BARI, V. A. **O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores**: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu. São Paulo: ECA-USP, 2008. (Tese de doutorado).
- BARLACH, L. **O que é resiliência humana?** Uma contribuição para a construção do conceito. 2005. 108p. São Paulo: USP, 2015. (Dissertação de mestrado).
- CARVALHO, D. **A educação está no gibi**. Campinas: Papirus, 2006.
- CHARTIER, R. **Formas e sentido – cultura escrita**: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado das Letras, 2003.
- DEZIN, N. K.; LINCOLN, Yvonna S. (editors). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage Publications, 1994.
- DUMONT, L. M. M. A opção pela literatura de massa: simples lazer, ou alienação? **Investigación Bibliotecológica**, México, v. 14, n. 28, p. 166-177, jun. 2000.
- DUMONT, L. M. M. Lazer, leitura de romances e imaginário. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 117-123, jan/ jun. 2001.
- DUMONT, L. M. M. Reflexões sobre o gosto na escolha da leitura de lazer: desfazendo preconceitos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 2000. Porto Alegre: **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2000.
- EISNER, W. **Quadrinhos e a arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOLKMAN, S. LAZARUS, R. S. The relationship between coping and emotion: implications for theory and research. *Social Science & Medicine*, v.26, n.3, p.309-317. 1988. Disponível em: <https://etd.ohiolink.edu/!etd.send_file?accession=ohiou1103225821&disposition=inlin> Acesso em: set. 2016.
- GROTBERG, E. H. Introdução: Novas tendências em resiliência. In: MELILLO, A; OJEDA, E. N. S. e colaboradores. **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 15-22.
- ISER, W. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Ed. 34, 1996-1999.
- MATTAR, F. N. **Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Atlas, 2006.
- McCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo, Makron Books, 2005.
- MELILLO, A. *et al.* **Alguns fundamentos psicológicos do conceito de resiliência**. In: MELILLO, Aldo. & OJEDA, Elbio Nestor Suarez. (orgs). **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005. p.59-72.
- MELILLO, A. Resiliencia. **Revista Psicoanálisis**: ayer y hoy, Buenos Aires, v.1, n.1, mai.2014.
- MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1995.
- POLETTTO, M.; KOLLER, S. H. Resiliência: Uma perspectiva conceitual e histórica. In D. D. Dell’Aglío, S. H. Koller, & M. A. M. Yunes (Orgs.), **Resiliência e psicologia positiva**: Interfaces do risco à proteção São Paulo: Casa do Psicólogo. 2006, p. 19-44.
- POLETTTO, M.; KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: Promotores de resiliência, fatores de risco e proteção. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.25, n.3, p.405-416. 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/artigos/KOLLER_POLETTTO.pdf>Acesso em: set. 2016.
- RAMOS, R. B. T. **Histórias em quadrinhos na sociedade contemporânea**: lazer, produção e obtenção de conhecimento na leitura das revistas de super-heróis. Belo Horizonte: ECI-UFMG, 2008. (Dissertação de mestrado).
- VERGUEIRO, W. de C. S. Histórias em quadrinhos. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (Orgs.). **Formas e expressões do conhecimento**: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. p. 115-149.

TABOADA *et al.* Resiliência: em busca de um novo conceito. **Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v.16, n.3, p.104-113, 2006.

WERNER, E. Risk, resilience and recovery: perspectives from the Kauai longitudinal study. **Development and Psychopathology**, v.5, p. 503-515, 1993.

YUNES, M. Â. M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicol. estud.** [online], v. 8, p. 75-84, 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722003000300010&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: set. 2016.